

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



CPI DA COVID

■ A CPI da Pandemia, idealizada no Senado para investigar os atos do presidente da República e do Ministério da Saúde, já conta com 32 assinaturas, mais do que o necessário por regimento para ser aprovada pela Mesa Diretora da Casa. A decisão agora está na caneta do presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco. A morte de Major Olímpio – o terceiro parlamentar do Senado vítima da covid-19 – causou mais comoção entre os pares e a comissão ganhou força entre gabinetes. A lista antiga contava com a assinatura de Olímpio. A despeito da sua saída do ministério, caso a CPI seja oficializada, o general Eduardo Pazuelo será convidado a depor.

LUCIO BERNARDO JR./CÂMARA DOS DEPUTADOS



Dois lados

■ Os maiores entusiastas da CPI são os senadores Randolfe Rodrigues (Rede-AP), Humberto Costa (PT-PE), Cid Gomes (PDT-CE). Mas há aliados do Palácio dispostos a avalizar.

Fogos

■ Um foguetório de 20 minutos na noite de sábado perto do Palácio da Alvorada. Foi assim que apoiadores do presidente Jair Bolsonaro o homenagearam pelo aniversário.

Front do balcão

■ O número é assustador. Pelo menos 17 farmacêuticos morreram em Brasília vítimas de covid-19 até a sexta-feira. O sindicato da categoria vai pedir prioridade na vacinação.

Negócio da cova

■ Funerárias das capitais já foram informadas de que vai faltar caixão a partir desta semana. Os maiores fornecedores são do Rio Grande do Sul e deram o alerta.

Cadê vocês?

■ Muito já se fez em outras épocas de crise de abastecimento nacional, ou por vítimas de seca e enchentes. Mas no pior cenário da pandemia de covid-19, não se vê campanha alguma de solidariedade das igrejas (Católica e evangélicas), nem da mídia, para arrecadação de cesta básica. O auxílio emergencial não dá conta.

Ex-amigo

■ Bolsonaro não emitiu um “a” sequer em homenagem in memoriam ao ex-senador Major Olímpio. O Palácio confirmou que não emitirá nota. Olímpio obteve 9 milhões de votos por São Paulo e foi o maior incentivador de Bolsonaro no estado.

Paulistana

■ A carioca Cristiane Brasil, filha de Roberto Jefferson e futura manda-chuva do PTB, mudou-se para São Paulo. Já tem o título de eleitora da capital e disputará a Câmara dos Deputados.

Saudade de irmão

■ O ex-senador Magno Malta está tão alheio à política que soube mais de 24 horas depois do anunciado da morte do vereador e ex-colega de Câmara Irmão Lázaro, vítima de covid-19. Caiu no choro convulsivo. Malta atua hoje como empresário de lutadores de MMA e é dono de uma rádio.

Cultura agoniza

■ Brasília perdeu dois dos seus maiores livreiros, em tempos tão difíceis para o meio cultural. Gilvan do Sebbão, da 409 Norte, e Luís da Livraria Pindorama, da 505 Sul.

Retrato do Brasil

■ A bandeira do Brasil no Pavilhão Nacional ficou tremulando com um grande rasgo por cinco dias na Praça dos Três Poderes. O flagrante foi do experiente fotógrafo Orlando Brito.

ESPLANADEIRA

■ IdeiaGov, hub de inovação do governo de São Paulo, promove 1º Fórum de Inovação em Governo, evento online e gratuito, no dia 25. #StartupInsider, marca de roupas funcionais, lança campanha “Semana do Consumidor Consciente” para doar 10 mil máscaras anti-Covid-19. #Pathfind desenvolveu produto que une roteirizador dinâmico, aplicativo para motoristas, “Paths”.

■ A seção Esplanadeira divulga informações de cultura, esporte, mercado, ações sociais e outras, sem qualquer contrapartida de anúncios ou financeira. Envio de sugestões para reportagem@colunaesplanada.com.br.

Publicada diariamente em 51 jornais de 25 estados, em capitais e interior
Com Equipe DF, SP e PE/ reportagem@colunaesplanada.com.br. Twitter @colunaesplanada / Facebook : Coluna Esplanada. Leia mais em odia.com.br

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Falta bom senso no Brasil



Aristóteles
Drummond
jornalista

Vivemos uma época de graves distorções comportamentais. A pandemia não pode justificar tão forte mudança no perfil ético, moral, afetivo e racional do brasileiro. Temos uma história singular no mundo. A fundação da Nação foi sem guerras e disputas, nos tornamos Reino Unido de Portugal pela iniciativa do Príncipe Regente de Portugal, D. Joao VI, que assim se tornou Rei do Brasil. Depois, a separação, chamada de Independência, foi feita por seu filho, então Príncipe Regente do Brasil, logo Imperador. Ao longo do segundo reinado, tivemos a rápida pacificação de movimentos separatistas na espada do estadista-mor Duque de Caxias, e a República se fez em 24 horas, sem derramamento de sangue. E assim foi até 1930, com a Revolução que não teve batalhas; o Estado Novo caiu com um simples ultimato ao ditador, que voltou cinco anos depois nos braços do povo. Em 1964, o movimento atendeu a um reclamo quase que unânime e foi resolvido em dois dias.

Apesar dos ressentidos de sempre, casos de psicopatas, não temos racismo, intolerância religiosa nem política. Preconceitos são inerentes ao ser humano e hoje a legislação no mundo civilizado coíbe abusos. O rigor fica restrito à manutenção da ordem pública, sem a qual o povo não tem segurança e o país não tem estabilidade.

O radicalismo é venenoso, perigoso. O governo pode ter errado em relação à pandemia em detalhes e nas declarações desnecessárias do presidente. Talvez pouco ousado em garantir vacinas, mas acertou no acordo com a Oxford-AstraZeneca, ano passado, e permitiu acordos como o do Butantan com a Sinovac, da China, e a do governo do Paraná com a Sputnik, russa. Erra em não lutar pela abertura aos privados para que os trabalhadores sejam vacinados, por conta e risco pa-



tronal, para apressar a imunização e a volta da Economia.

No mais, não faltaram recursos aos estados para combater a pandemia. Faltou zelo, responsabilidade e honestidade a estes entes. Considerando a gravidade da situação, seria o momento de boa vontade, conciliação pontual, ou seja, em tudo que facilite a vacinação e tudo que dê um mínimo de condições para a retomada e crescimento econômico. Sem o que não teremos os empregos necessários.

A sociedade está revoltada com a falta de foco nos problemas reais. E o Judiciário vem se desacreditando. Ou vai anulando processos, liberan-

do implicados ou age com requintes de crueldade e demagogia, como no caso do ex-governador do Rio Sérgio Cabral, preso há quatro anos. Ele colaborou, devolveu dinheiro e poderia ter a domiciliar a que todos os demais implicados tiveram, quando não agraçados como o ex-presidente Lula, com chocante perdão. Silêncio pusilânime, com medo dos pregadores do ódio, que logo acusam quem clama por justiça com cumplicidade.

Não enobrece nosso país essas distorções, intolerância e indiferença com o que realmente interessa: vacinas e empregos. Devíamos trocar o ódio pela solidariedade.

Porque não fechar escolas de Educação Infantil



Fatima Amorim
psicanalista e pós-graduada em Administração Escolar

Antes de mais nada é importante pensarmos sobre o que representa a escola para crianças de 3 a 6 anos. Com certeza é um espaço de interação social, que lhes garante alegria e as estimula a continuar crescendo e se desenvolvendo com animação, força e curiosidade. Mas como fazer isso em tempos de pandemia?

Precisamos lembrar que os estudos indicam que as crianças são as que menos se contaminam e transmitem o vírus, e a escola é um espaço onde podemos ter um processo de criação de novos hábitos, de forma a não gerar resistência ao contato com o outro. Com tranquilidade e acolhimento, é importante sempre lhes apontar, caso a máscara se mova, e perguntar se estão num bom lugar, relacionando isso ao distanciamento necessário.

As famílias estão aflitas com a situa-

ção que vivemos e a pressão dos seus trabalhos e, assim, a disponibilidade para os pequenos fica prejudicadas. As crianças estão apresentando medos e insegurança frente ao convívio social e isso pode gerar sérias consequências. Sem dúvida, a escola não pode mais ser a mesma.

É preciso que se garanta padrões compatíveis com as exigências sanitárias – uso de máscara, higienização dos espaços, objetos, mãos e distanciamento. Sobre a higienização tudo bem, é uma questão dos adultos da escola. Mas e os aspectos que dizem respeito aos comportamentos da própria criança? Como levá-las a continuar brincando e aprendendo com alegria, mantendo distanciamento e usando máscara?

No dia a dia da escola, o mais importante é o fortalecimento dos laços pessoais e sociais. Ouvir as crianças deve ser sempre o mais importante e, prestando um pouco mais de atenção, perceber seus medos e inseguranças. A partir daí, surge a oportunidade de se traçar formas de atuação para ajudá-las.

Conviver com elas sempre nos leva a

buscar o melhor de nós e assim devemos seguir, pois com atenção ao que nos apresentam é possível rearranjar a prática, ajudando-as a lidar com as perdas e a recriar seu mundo. Dentro de suas possibilidades, juntando lembranças e experiências, elas vão fazendo a sua parte, inventando um mundo dentro de si e se capacitando para conviver com o de fora.

Com certeza, a escola não pode mais ser a mesma. É preciso repensar seus objetivos, sua dinâmica, sempre se mantendo fiel a seus princípios pedagógicos. Resgatando Paulo Freire, lembramos que uma escola deve ser séria, mas jamais sisuda. Uma escola deve ser alegre! E como só é possível ser gente convivendo com gente, devemos estruturar nosso trabalho possibilitando que compartilhem experiências, vivenciem inúmeras atividades sensoriais, troquem com seus pares e adultos e se utilizem do que de bom a tecnologia tem a nos oferecer.

Como diz um conhecido ditado africano, para educar uma criança é preciso toda uma aldeia. Para isso não basta a família, não basta a escola, é preciso também a comunidade.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE
Alexandre Donizeti

EDITOR-CHEFE
Aloy Jupiara

SUBCURADORES
Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE
Alessandro Matheus

DESIGNERS
Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS
Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.
Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)
Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem.
Mais informações : Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313. **Brasília:** Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.
Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. **Anúncios para o Interior:** 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.
Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.
Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.
ODIA é filiada ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).